

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

**A RELAÇÃO ENTRE PENSAMENTO E LINGUAGEM NA PERSPECTIVA
HISTÓRICO-CULTURAL¹**
**THE RELATIONSHIP BETWEEN THINKING AND LANGUAGE IN
HISTORICAL AND CULTURAL PERSPECTIVES**

Alex Pires De Mattos², Marli Dallagnol Frison³

¹ Pesquisa de Mestrado em andamento, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da UNIJUI (Linha de Pesquisa: Currículo e Formação de Professores).

² Aluno do curso de Mestrado em Educação nas Ciências da UNIJUI, bolsista CNPq, alex.pdemattos@gmail.com

³ Professora Doutora do Departamento Ciências da Vida, Orientadora, marlif@unijui.edu.br

Resumo

O presente trabalho integra uma pesquisa de Mestrado em andamento, intitulada “a linguagem no processo de constituição do sujeito: implicações na formação de professores de Química”, e objetiva investigar as raízes genéticas do pensamento e da linguagem a partir da perspectiva histórico-cultural. Essa discussão apresenta grande relevância na atualidade, especialmente se forem consideradas as dificuldades de apropriação dos conceitos científicos. Trata-se de um estudo bibliográfico para o qual buscamos aporte na obra vigotskiana que discute a relação entre pensamento e linguagem (VIGOTSKI, 2008). Os resultados produzidos no estudo são oriundos de reflexões construídas a partir da leitura da referida obra e de diálogos estabelecidos com o autor no intuito de melhor compreender a relação complexa em questão. A partir da discussão realizada, é possível concluir que a união entre pensamento e linguagem só é concebível por meio do pensamento verbal.

Abstract

The present essay integrates a research of an in progress Master Degree, entitled “The language used in the composition process of a subject: implications in Chemistry teachers formation”, and aims to investigate genetic roots of thinking and the language used from the historical and cultural perspectives. This discussion presents great importance in the present time, especially if they were considered appropriation distress of scientific concepts. The bibliographic study to the one we seek for input in the vygotskian book which discusses the relationship between thinking and language (VIGOTSKI, 2008). Produced results arise from built thoughts, from reading the mentioned book and set conversations with the author, aiming to better understand the complex relationship concerned. From the accomplished discussion, it is possible to conclude that the union between thinking and language is only conceivable through verbal thinking.

Palavras-chave: *operações mentais, crescimento intelectual e desenvolvimento humano.*

Keywords: *mental operations, intellectual growth and humane development.*

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

1 INTRODUÇÃO

A linguagem tipicamente humana se distingue da linguagem animal por ser objetiva, isto é, orientada para um objeto específico que evolui ao longo do curso do desenvolvimento humano, mais especificamente à medida que o sujeito se desenvolve intelectualmente a partir das interações sociais. Vigotski (2008), ao citar Koehler, problematiza que a linguagem dos chimpanzés, “relativamente bem desenvolvida em alguns aspectos - principalmente em termos fonéticos” (p. 42), é unicamente subjetiva, por meio da qual eles manifestam gestos, vocalizações, afetos e emoções.

Argumenta o autor, que tais peculiaridades linguísticas dos chimpanzés corroboram os estudos de Wundt, “segundo o qual os gestos de apontar (o primeiro estágio do desenvolvimento da fala humana) ainda não apareceram nos animais, mas alguns gestos dos macacos constituem uma forma de transição entre os atos de agarrar e de apontar” (p. 43). Vigotski (2008) chama a atenção para essa forma de transição por constituir um marco significativo da passagem da expressão puramente afetiva, que caracteriza a linguagem animal, para a linguagem objetiva, tipicamente humana.

Seguindo na busca das raízes do pensamento e da fala a partir da perspectiva filogenética, Vigotski apresenta discussões sobre os estudos de Yerkes em relação ao intelecto dos orangotangos. Para o psicólogo bielorrusso, Yerkes foi ousado e unânime na tentativa de explicar a ausência de fala nos antropóides. Ultrapassando Koehler, constatou a presença do que ele próprio chamou de ‘ideação mais elevada’ nos orangotangos, cuja característica pode ser comparada ao intelecto de uma criança de no máximo 3 anos de idade (VIGOTSKI, 2008).

No entanto, Vigotski critica as conclusões de Yerkes devido a superficialidade científica de sua hipótese baseada na analogia entre o comportamento humano e animal. De acordo com ele, Yerkes “não nos apresenta nenhuma prova objetiva de que os orangotangos resolvam problemas recorrendo à ideação, isto é, a imagens ou estímulos residuais” (VIGOTSKI, 2008, pp. 44-45). Diferentemente dele escreve Vigotski, Koehler demonstrou experimentalmente que o sucesso das ações dos chimpanzés estava relacionado a contemplação visual e simultânea de “todos os elementos da situação” (idem, p. 45).

Os estudos seguintes de Yerkes confirmaram que os macacos são incapazes de produzir fala no sentido humano da palavra, mesmo possuindo um aparelho fonador semelhante ao humano. O pesquisador, sublinha Vigotski, atribui essa ausência à incapacidade de imitar sons. “A sua mímica depende quase que totalmente de estímulos visuais; copiam ações, mas não sons. São incapazes de fazer o que o papagaio faz com tanto êxito” (VIGOTSKI, 2008, p. 46). Para Vigotski, o fracasso dos experimentos até então não permite inferir que é impossível ensinar os chimpanzés a falar, pois o erro pode ser do próprio pesquisador ou, talvez, do método de investigação adotado. O que parece óbvio suscita uma significativa reflexão que pode e deve ser estendida para nossos estudos, que não menos científicos serão nesse caso.

Voltando a análise vigotskiana acerca da nova tese de Yerkes sobre a incapacidade de falar dos chimpanzés, novamente sua hipótese não se sustenta, uma vez que, segundo Vigotski

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

(2008, p. 47) “a linguagem não depende necessariamente do som”. Um exemplo clássico é a linguagem de sinais, que é, de acordo com o autor, “também [uma] interpretação de movimentos” (ibidem).

Vigotski problematiza que se os chimpanzés possuíssem as capacidades intelectuais necessárias para aprender algo semelhante à fala humana, embrionárias que fossem, e se o problema estivesse condicionado à dificuldade de imitar sons, logo eles deveriam ser capazes de se apropriar de alguns gestos convencionais, cuja função psicológica coincidissem com os sons correspondentes. Isso por que não influi o meio, mas o uso funcional dos signos no processo de produção da fala (VIGOTSKI, 2008).

A partir do exposto e, em especial, dos experimentos realizados, Vigotski conclui que a aprendizagem da fala pelos chimpanzés não é possível. De acordo com o autor:

“nunca se teve qualquer indício de que eles [os chimpanzés] usem signos. A única coisa que sabemos com certeza **objetiva** é que não possuem ‘ideação’, mas, sob certas condições, são capazes de fazer instrumentos muito simples e de recorrer a ‘artifícios’, desde que essas condições incluam uma situação perfeitamente visível e clara” (VIGOTSKI, 2008, p. 48, grifos nossos).

A fala funcional e tipicamente humana não é passível de reprodução pelos animais, pois requer o desenvolvimento de estruturas psicológicas internas. A linguagem dos chimpanzés é estritamente emocional e instintiva, ao vocalizar ele não tem subjacente a intenção de informar o outro sobre algo, tampouco se relaciona com o pensamento. Todavia, assim como em outros animais e no próprio ser humano, “também é um meio de contato psicológico com outros de sua espécie” (idem, p. 50).

Logo é impossível admitir que os animais são desprovidos de linguagem. Eles possuem uma forma de comunicação, porém esta é de natureza puramente instintiva e emocional, como já destacado. Um ponto que merece ênfase no estudo da linguagem dos animais dotados de voz é a coincidência da produção/vocalização de sons com os gestos afetivos. Vigotski reconhece que a fala humana provavelmente teve origem no mesmo tipo de “reações vocais expressivas” (ibidem).

Vigotski ao explorar as raízes genéticas entre o pensamento e a linguagem agora pela perspectiva ontogenética, ou seja, considerando o desenvolvimento do sujeito humano, afirma que o problema é muito mais complexo e distingue duas linhas teóricas distintas. Uma, pressupõe a existência de uma etapa pré-verbal na evolução do pensamento, cuja hipótese foi validada por experimentos feitos com crianças antes de aprenderem a falar. Os resultados obtidos foram semelhantes aos dos chimpanzés, o que levou o estudioso Buehler a denominar tal fase de idade chimpanzoide, conforme cita Vigotski (2008), a qual compreenderia os meses subjacentes ao primeiro ano de vida da criança. O autor chama a atenção para uma importante descoberta a partir desses experimentos, a saber: o fato de que as reações intelectuais embrionárias não dependem da fala.

A segunda linha teórica caracterizada por Vigotski compreende a ocorrência de uma fase

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

pré-intelectual no desenvolvimento da fala. Figuram exemplos o choro e o balbucio da criança, os quais, de acordo com ele (2008, p. 52), “são claramente estágios do desenvolvimento da fala que não têm nenhuma relação com a evolução do pensamento”. Tal fato é corroborado por pesquisas contemporâneas sobre as primeiras manifestações de comportamento da criança e das suas primeiras “respostas” à voz humana, as quais revelaram que a função social da fala já é perceptível durante o primeiro ano de vida. Vigotski (2008), ainda salienta que “essas investigações também demonstraram que as risadas, os sons inarticulados, os movimentos etc., são meios de contato **social** a partir dos primeiros meses de vida da criança” (p. 53, grifos nossos).

Entretanto, o que importa para Vigotski é que em dado momento do desenvolvimento humano, por volta dos dois anos de idade, as linhas evolutivas do pensamento e da fala, que permaneciam até então separadas geneticamente, se unem, dando início a uma nova forma de comportamento. A criança descobre, então, que cada “coisa” tem um nome. Isso é fantástico em termos de desenvolvimento humano, pois desencadeia o estabelecimento de relações intelectuais que tornam possível o pensamento. Segundo Vigotski, esse momento decisivo “é indicado por dois sintomas objetivos inconfundíveis: (1) a curiosidade ativa e repentina da criança pelas palavras, suas perguntas sobre cada coisa nova (‘O que é isto?’); e (2) a conseqüente ampliação de seu vocabulário, que ocorre de forma rápida e aos saltos” (ibidem).

Em outras palavras, nessa nova etapa do desenvolvimento a criança precisa das palavras e ao questionar sobre algo ou alguém vai se apropriando por meio da aprendizagem dos signos associados aos objetos ou às pessoas. De acordo com Vigotski (2008, p. 54), “ela parece ter descoberto a função simbólica das palavras”. A fala ascende para outro nível e passa a relacionar-se com o intelecto, ou seja, com o pensamento. Segundo Kassar (2010, p. 178), “a formação do próprio pensamento é um processo de construção social”.

Apoiados no referencial histórico-cultural, podemos afirmar que a criança descobriu a função social da fala, o que é possível, por sua vez, por que já avançou de nível no desenvolvimento do pensamento e da fala. A seguir, passamos a detalhar o percurso metodológico que orientou essa escrita a fim de discutir a complexa relação entre pensamento e linguagem no desenvolvimento humano.

2 METODOLOGIA

A metodologia utilizada contempla um estudo de natureza bibliográfica, cujos dados foram produzidos a partir da leitura da obra “pensamento e linguagem” de autoria de Vigotski, um dos representantes mais célebres da teoria histórico-cultural. A partir do diálogo estabelecido com o autor, buscamos investigar as raízes genéticas do pensamento e da linguagem para compreender como ocorre o desenvolvimento da linguagem por meio da fala humana e qual sua relação com o pensamento e o estabelecimento de relações intelectuais.

Para tanto, fizemos uma releitura da obra vigotskiana, sistematizando seus principais resultados e considerações acerca da problemática de pesquisa em questão, buscando elementos

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

deflagradores do diálogo formativo. A partir da análise da referida obra, apresentamos e discutimos a trajetória sinalizada por Vigotski para o pleno entendimento da relação entre pensamento e linguagem, bem como seus resultados empíricos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como caminho para a elucidação da problemática, isto é, a relação entre pensamento e linguagem pelo viés histórico-cultural, Vigotski (2008) aponta para a importância da fala interior, sob a qual a psicologia não tem muito a dizer ainda, segundo ele. Para tanto, critica os estudos de Watson sobre o seu desenvolvimento, afirmando que “não há qualquer razão válida para se supor que a fala interior se desenvolve de alguma forma mecânica, por meio de uma diminuição gradual na audibilidade da fala (sussurros)” (idem, p. 55).

O autor argumenta que o sussurro não constitui um ecótono entre a fala exterior e a fala interior, uma vez que “se situa entre as duas apenas fenotipicamente, e não genotipicamente. Estudos de Vigotski e de seus colaboradores sobre a fala sussurrada referem que:

[...] no tocante à estrutura, quase não há diferença entre sussurrar e falar alto; quanto à função, o sussurro difere profundamente da fala interior e nem mesmo manifesta uma tendência para assumir as características típicas desta última. Além disso, não se desenvolve espontaneamente até a idade escolar, embora possa ser induzido muito cedo: sob pressão social, uma criança de três anos pode, por períodos curtos e com muito esforço, abaixar a voz ou sussurrar” (VIGOTSKI, 2008, pp. 55-56).

Qual seria, então, essa fase de transição entre a fala exterior e a interior? Vigotski (2008) aposta na fala egocêntrica da criança, a qual foi descrita por Piaget, como sendo o ‘elo intermediário’ entre essas duas formas distintas de manifestação da fala. Isso por que, além dela “acompanhar a atividade da criança e de sua função de descarga emocional, rapidamente assume uma função planejadora, isto é, transforma-se, de maneira fácil e natural, no pensamento propriamente dito” (p. 56).

O autor conclui que “a fala é interiorizada psicologicamente antes de ser interiorizada fisicamente” (ibidem). Segundo Vigotski (2008), a fala egocêntrica de Piaget é, em termos funcionais, a fala interior, a fala em seu percurso para a interiorização, em outras palavras. Ele também a define como elemento íntimo da organização do comportamento infantil, “já parcialmente incompreensível para outras pessoas, embora explícita em sua forma e sem apresentar nenhuma tendência para se transformar em sussurro ou qualquer outra forma de fala a meio tom” (ibidem).

Nesse contexto, faz-se necessário explicitar por que ocorre a interiorização. O autor é objetivo ao discorrer sobre tal processo, vinculando-o a mudança de função. A fala ao ascender de nível é passível de interiorização e, por conseguinte, torna-se fala interior. Consoante ao entendimento vigotskiano, o desenvolvimento da fala humana comportaria três fases, a saber: fala

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

exterior (do outro), fala egocêntrica e fala interior. Ademais, os estudos de Vigotski revelaram que o desenvolvimento da fala iguala-se ao “desenvolvimento de todas as outras operações mentais que envolvem o uso de signos, tais como o ato de contar ou a memorização mnemônica” (VIGOTSKI, 2008, p. 57), ambos imprescindíveis ao desenvolvimento intelectual humano.

De acordo com Vigotski (2008), o desenvolvimento das operações mentais acontece em quatro estágios. O primeiro denomina-se estágio natural ou inicial e contempla a origem e a evolução da fala pré-intelectual e do pensamento pré-verbal. Na sequência, surge o estágio que o autor chama de ‘psicologia ingênua’, o qual se relaciona ao descobrimento das propriedades físicas do próprio corpo, assim como dos objetos da realidade circundante por meio da experiência, a qual, por sua vez, é mobilizada no manuseio e correta utilização dos instrumentos. Vigotski escreve que nessa fase ocorre “o primeiro exercício da **inteligência prática** que está brotando na criança” (ibidem, grifos nossos).

O segundo estágio do desenvolvimento das operações mentais pode tranquilamente ser reconhecido no processo de desenvolvimento da fala na criança. Segundo Vigotski (2008), um exemplo clássico consiste no correto emprego da gramática antes do total entendimento da lógica que a embasa. O que o autor quer dizer é que ao usar uma palavra pela primeira vez a criança não tem total compreensão do seu significado, talvez nunca tenha caso não se aproprie dele pela linguagem. Porém, seu uso é fundamental, pois é ele que desencadeia o processo de significação, o qual se dá pela atribuição de sentidos cada vez mais próximos do significado historicamente atribuído para aquela palavra em questão.

A ascensão ao terceiro estágio dá-se, justamente, por meio das experiências psicológicas ingênuas que são vivenciadas no decurso da vida. Essa nova fase distinguiu-se pela utilização de signos exteriores na resolução de problemas internos. Conforme Vigotski (2008, pp. 57-58), “é o estágio em que a criança conta com os dedos, recorre a auxiliares mnemônicos etc”. No que tange ao desenvolvimento da fala, essa nova etapa se caracteriza pela existência da fala do tipo egocêntrica de Piaget.

O último estágio é nomeado fase de ‘crescimento interior’. Nessa etapa, as operações externas passam por uma transformação íntima e interiorizam-se. Caracteriza-se pela capacidade de contar mentalmente da criança e de mobilizar a memória lógica para resolver problemas. Já no que concerne ao desenvolvimento da fala, Vigotski (2008, p. 58) destaca que “este é o estágio final da fala interior, silenciosa”, a qual “pode se aproximar muito da fala exterior, ou mesmo tornar-se exatamente igual a esta última, quando serve de preparação para a fala exterior”. Em conformidade com Vigotski, não há como separar o comportamento interno do externo, visto que um intervém no outro.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo exposto e com base no referencial teórico abordado, é possível representar o pensamento e a fala como duas circunferências que se atravessam em alguns pontos. Nas áreas em que compartilham o mesmo espaço, a linguagem falada e o pensamento se juntam e originam o

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

que Vigotski denomina de ‘pensamento verbal’. Esse, por sua vez, não engloba todas as formas de pensamento ou de fala possíveis. Destarte, escreve Vigotski (2008, p. 58), “há uma vasta área do pensamento que não mantém relação direta com a fala. O pensamento manifestado no uso de instrumentos pertence a essa área, da mesma forma que o intelecto prático em geral”.

Ademais, tal qual discute Vigotski, as pesquisas realizadas pelos psicólogos da escola de Würzburg evidenciaram que o pensamento tem potencial de operar na ausência de imagens verbais ou movimentos de fala. Outros estudos mais contemporâneos revelaram que inexistente relação direta “entre a fala interior e os movimentos da língua ou da laringe do indivíduo observado” (VIGOTSKI, 2008, p. 59). Outrossim, não se pode associar todas as formas de atividade verbal ao pensamento, figuram exemplos: recitar um poema, repetir mentalmente uma frase e a fala ‘límica’, visto que o pensamento, assim como a linguagem enquanto operações mentais, precisam ser desenvolvidos, isto é, passar por transformações internas.

Logo, é possível concluir que a união entre pensamento e linguagem no desenvolvimento humano consiste num “fenômeno limitado a uma área circunscrita” (ibidem), a saber: o pensamento verbal, do qual participam, majoritariamente, o pensamento organizado pela palavra e a fala intelectual, sendo as demais manifestações tanto do pensamento quanto da linguagem, afetados indiretamente por ele.

REFERÊNCIAS

KASSAR, Mônica de Carvalho Magalhães. O sujeito, a marginalidade e o jogo de sentidos. In: NOGUEIRA, Ana Lúcia Horta; SMOLKA, Ana Luiza Bustamante (Organizadoras). **Questões de desenvolvimento humano: práticas e sentidos**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010. (Série Desenvolvimento Humano e Práticas Culturais). pp. 171-192.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. **Pensamento e linguagem**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. Rev. técnica José Cipolla Neto. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. (Coleção psicologia e pedagogia).